



DOSSIÊ EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Análise Textual Discursiva na prática: reflexões acerca das cinco principais dúvidas dos estudantes

Discursive Textual Analysis in practice: reflections on the five main questions of students

Análisis de Textos Discursivos en la práctica: reflexiones sobre las cinco preguntas principales de los estudiantes

**Valderez Marina do
Rosário Lima¹**

orcid.org/0000-0002-2676-5840
valderez.lima@pucrs.br

Marcelo Amaral-Rosa²
orcid.org/0000-0002-3294-8141
marcelo.pradorosa@gmail.com

**Roberta Chiesa
Bartelmebs³**

orcid.org/0000-0002-1057-6623
roberta.bartelmebs@ufpr.br

Recebido em: 24 ago. 2023.

Aprovado em: 31 out. 2023.

Publicado em: 20 dez. 2023.

Resumo: O ensaio apresenta reflexões acerca do método da Análise Textual Discursiva a partir de perguntas corriqueiras feitas por acadêmicos em aulas ministradas pelos autores do texto. São destacados cinco principais questionamentos, realizados por estudantes envolvidos com o método analítico, em diferentes níveis formativos. São eles: i) Quero utilizar a Análise Textual Discursiva... Como eu começo?; ii) A partir do mesmo *corpus* de análise, diferentes pesquisadores obtêm os mesmos resultados e conclusões?; iii) Quais são os critérios de validação empregados na Análise Textual Discursiva?; iv) O que são argumentos aglutinadores na Análise Textual Discursiva?; e, por fim, v) O que significa processo auto-organizado na Análise Textual Discursiva? O argumento central que organiza o texto é: perguntas habituais de estudantes, de diferentes níveis formativos, realizadas nas aulas, desencadeiam um movimento coletivo de estudo, dialógico e reflexivo, frente ao método da Análise Textual Discursiva, podendo conduzir à compreensão cada vez mais profunda do processo analítico em questão. A estratégia de escrita do texto é deixar em aberto outras questões na expectativa de que a continuidade dos estudos potencialize novas compreensões e, por que não, novas dúvidas sobre a Análise Textual Discursiva.

Palavras-chave: Análise Textual Discursiva; Prática Reflexiva; Pergunta do Estudante.

Resumen: El ensayo presenta reflexiones acerca del método del Análisis Textual Discursivo desde cuestiones corrientes hechas por académicos en las clases impartidas por los autores de este texto. Se destacan cinco principales preguntas realizadas por estudiantes implicados en el método analítico en diferentes niveles de formación. Son ellas: i) Quiero utilizar el Análisis Textual Discursivo... ¿Cómo empiezo?; ii) Desde el mismo corpus de análisis, ¿diferentes investigadores obtienen los mismos resultados y conclusiones?; iii) ¿Cuáles son los criterios de validación empleados en el Análisis Textual Discursivo?; iv) ¿Qué son los argumentos aglutinadores del Análisis Textual Discursivo?; y por fin, ¿Qué significa el proceso auto-organizado en el Análisis Textual Discursivo? El argumento central que organiza el texto es el siguiente: preguntas habituales de estudiantes, de diferentes niveles formativos, realizadas en las clases, provocan un movimiento colectivo de estudio, dialógico y reflexivo, frente al método del Análisis Textual Discursivo y pueden conducir a la comprensión cada vez más profunda del proceso analítico en cuestión. La estrategia de escritura del texto es dejar abiertas otras cuestiones en la expectativa de que la continuidad de los estudios potencie nuevas comprensiones y, porque no, nuevas dudas acerca del Análisis Textual Discursivo.

Palabras clave: Análisis Textual Discursivo; Práctica reflexiva; Cuestiones del estudiante.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

² Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil.

³ Universidade Federal do Paraná (UFPR), Palotina, PR, Brasil.

Abstract: The essay presents reflections upon the method of Discursive Textual Analysis by means of ordinary questions made by academics in classes taught by the authors of the text. There are five highlighted main questions made by the students involved in the analytic method in different formative levels. They are i) I want to use Discursive Textual Analysis... How do I begin?; ii) From the same corpus of analysis could different researchers obtain the same results and conclusions?; iii) Which are the validation criteria employed in Discursive Textual Analysis?; iv) What are the unifying arguments in Discursive Textual Analysis?; and last v) What does the self-organized process in Discursive Textual Analysis mean? The central argument, which organizes the text, is "frequent students' questions, from different formative levels, asked during classes unleash a collective study movement, dialogic and reflexive, which could conduct to an understanding gradually profound of the analytic process at hand in face of the Discursive Textual Analysis". The strategy of the writing of the text is to leave it open to other questions expecting that the continuity of the study could enhance new understandings and, why not, new doubts about the Discursive Textual Analysis.

Keywords: Discursive Textual Analysis; Reflexive practice; Student's question.

Considerações iniciais

Este ensaio reflexivo-teórico é decorrente do convite para participar do *I Congresso Internacional de Educação em Ciências e Matemática e II Simpósio do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul (PUCRS)*, ocorridos nos dias 28 a 30 de setembro de 2022, na modalidade online, e para os quais os autores deste ensaio compuseram a mesa redonda intitulada *Perguntas e respostas sobre a Análise Textual Discursiva*, o que nos levou a pensar sobre a forma assumida na atividade. O desenho tradicional desse tipo de procedimento prevê uma digressão teórica sobre aspectos relevantes da temática central. Entretanto, os autores escolheram trabalhar com perguntas que são de habitual ocorrência nas práticas de sala de aula, posto que ministramos disciplinas sobre o método em questão.

Em que pese se ter um planejamento que transita de forma equilibrada entre teoria e prática, damos muito valor às perguntas dos acadêmicos pelo entendimento de que elas exprimem as genuínas dúvidas frente ao assunto em destaque. Assumimos aqui, e também em nossas práticas

de sala de aula, que a valorização da pergunta do estudante contribui positivamente para os processos de ensino e de aprendizagem, uma vez que a pergunta favorece pensar sobre "aquilo que por hora se apresenta desconhecido" (NODARI, 2011, p. 3), sendo parte da "dimensão de quem busca compreender a realidade" (NODARI, 2011, p. 3) e, assim, conectando-se ao desenvolvimento do pensamento crítico e à construção do conhecimento.

Quando os estudantes são estimulados a fazer perguntas, eles são incentivados a se envolver ativamente no processo de aprendizagem e a pensar de maneira crítica e criativa. Além disso, a pergunta do estudante é uma forma potente de avaliação do ensino, pois permite que os professores identifiquem as necessidades que estão em desenvolvimento nas aulas. A valorização da pergunta do estudante pode ser alcançada por meio de estratégias pedagógicas que promovam a participação ativa dos estudantes e que estimulem tanto a reflexão quanto a comunicação. Desse modo, a máxima kantiana, *Ouse saber!*, faz-se presente e, acima de tudo, auxilia a revelar o desconhecido que habita incubado no ato de perguntar (BRESOLIN, 2011).

A valorização por parte do docente frente às inquietações trazidas à baila pelos estudantes é um expediente orientador do processo de construção de conhecimento. As perguntas denotam interesses e conflitos cognitivos em relação ao objeto de estudo, e a possibilidade de o professor compreendê-las, em profundidade, abre espaço para a elaboração de estratégias de ensino que favoreçam a complexificação dos conhecimentos dos estudantes sobre o fenômeno a ser apreendido (GALLE; PAULETTI; RAMOS, 2016).

Em nossas disciplinas, que versam sobre a teoria e a aplicabilidade do método da Análise Textual Discursiva, os questionamentos dos acadêmicos são constantes e a natureza das perguntas oscilam entre as mais diversas [e complexas] esferas que permeiam a utilização do método da Análise Textual Discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2007). Desse modo, as perguntas, anunciadas e/ou decorrentes de discussões oriundas da sala

de aula, em geral, podem ser classificadas em seis aspectos:

i) *aspectos elementares do método*, que abordam perguntas basilares sobre o método *per se* sob um posicionamento iniciante, e.g., *O que é a Análise Textual Discursiva?*;

ii) *aspectos procedimentais próprios*, que evocam situações de aplicabilidade direta próprias da Análise Textual Discursiva, e.g., *Como montar e unitarizar meu corpus de análise?* e/ou *Como eu construo um metatexto?*; *Qual é a diferença entre categorias a priori e categorias emergentes?*;

iii) *aspectos procedimentais de comparação*, que recaem sobre questões de cunho comparativo a outros métodos de análise qualitativa, e.g., *Qual(is) são a(s) diferença(s) da Análise Textual Discursiva em comparação à Análise de Conteúdo ou à Análise de Discurso?*; *É possível dizer que a Análise de Conteúdo é uma técnica de análise, enquanto a Análise Textual Discursiva é um método de análise?*;

iv) *aspectos teóricos*, em que o cerne das perguntas está vinculado, de maneira direta, aos pressupostos preconizados no livro, e.g., *Qual é o conceito, defendido pelos autores, de unidades de sentido?*;

v) *aspectos epistemológicos*, em que o ponto central fica em torno das interpretações [e adaptações] possíveis para o contexto individual, e.g., *Como a Análise Textual Discursiva auxilia na interpretação da realidade que estou a pesquisar?*; *O que significa afirmar que a Análise Textual Discursiva é um processo auto-organizado?*;

vi) *aspectos tecnológicos*⁴, que se referem a questionamentos sobre empregabilidade e interpretação dos dados frente ao uso de recursos tecnológicos, e.g., *É possível utilizar recursos tecnoló-*

gicos como softwares qualitativos na realização da Análise Textual Discursiva?

Antes de prosseguir, vale destacar que aqui não é possível se debruçar sobre todos os aspectos de classificação supracitados. Escolheu-se priorizar perguntas, tendo por base de seleção o diálogo iniciado no congresso internacional aqui já anunciado. Além disso, vale frisar que as disciplinas ministradas pelos autores mantêm a essência analítica pautada no procedimento artesanal do método da Análise Textual Discursiva. Logo, as principais dúvidas citadas são referentes ao processo analítico realizado de modo artesanal.

Diante da estrutura e das condições para o momento, ressalta-se a relevância e o ineditismo deste ensaio. A relevância está relacionada à possibilidade de se discutir a aplicabilidade dos conceitos, procedimentos e interpretações sobre aspectos do método da Análise Textual Discursiva, a partir de perguntas de estudantes que estão em situação de estudos sobre o método. Já a situação de ineditismo está vinculada à forma de apresentação, diretamente ligada a situações de dúvidas do contexto de ensino e aprendizagem dos conceitos e procedimentos referentes ao método.

A intenção é oferecer possíveis reflexões teóricas, de modo sucinto, para [algumas] perguntas-chave. Frisa-se que, aqui, as reflexões são consideradas como possíveis maneiras de esclarecer a compreensão inicial desses tópicos por parte de estudantes que estão em fase de estudos, teóricos e práticos, sobre a Análise Textual Discursiva.

Dessa forma, desenvolveu-se, para este ensaio, o seguinte argumento geral: *perguntas habituais realizadas por estudantes, de diferentes níveis formativos, desencadeiam um movimento coletivo de estudo, dialógico e reflexivo, frente ao método da Análise Textual Discursiva, podendo conduzir à compreensão cada vez mais profunda do processo*

⁴ Sobre o *aspecto tecnológico*: devido ao aumento dos softwares de pesquisa qualitativa, têm se tornado cada vez mais comuns perguntas dos estudantes sobre a utilização dessas ferramentas no apoio ao método da Análise Textual Discursiva. Contudo, esse é um aspecto que não será aqui abordado, pois os autores [Amaral-Rosa e Lima], têm desenvolvido em outros artigos os movimentos de empregabilidade da tecnologia aliada ao método da Análise Textual Discursiva. Sugerimos a busca por essas publicações que focalizam especificamente essa temática.

analítico em questão.

Assim, como o (re)conhecimento da importância das perguntas dos acadêmicos fez-nos estruturar a atividade do Congresso Internacional promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática (PPGE-DUCEM), da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em torno de alguns questionamentos que são habituais em sala de aula, logo, neste ensaio, optou-se por manter a mesma lógica estrutural. Dessa forma, as reflexões, aqui expressas, fundamentam-se em cinco principais dúvidas, corriqueiras em nossas aulas, sendo elas: i) “Quero utilizar a Análise Textual Discursiva... Como eu começo?”; ii) “A partir do mesmo corpus de análise, diferentes pesquisadores obtêm os mesmos resultados e conclusões?”; iii) “Quais são os critérios de validação empregados na Análise Textual Discursiva?”; iv) “O que são argumentos aglutinadores na Análise Textual Discursiva?” e, por fim, v) “O que significa ‘processo auto-organizado’ na Análise Textual Discursiva?”

Sublinha-se que os questionamentos apresentados não são únicos, mas afirmamos que são perguntas com alta recorrência nos diálogos-reflexivos estabelecidos com os estudantes nas aulas sobre o método de Análise Textual Discursiva. Para além das perguntas ilustrativas, apresentadas anteriormente, escolhemos, para produzir respostas provisórias, outras perguntas, as quais fazem eco às já apresentadas, também formuladas por acadêmicos. Sobre elas, discorreremos na sequência.

Pergunta I – “Quero utilizar a análise textual discursiva... Como eu começo?”

Assim como qualquer outro método de análise, a Análise Textual Discursiva possui alguns passos procedimentais. O primeiro movimento refere-se à desmontagem dos textos (MORAES; GALIAZZI, 2007), processo denominado de *unitarização*. “Significa colocar o foco nos detalhes e nas partes componentes dos textos, num processo de decomposição que toda análise implica” (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 18). A *desfragmentação*, em unidades, constitui-se em um exercício de di-

álogo vivo (SOUSA, 2020). Isso significa ler para além do que é dito, mas sem descaracterizar seu sentido. Não se trata apenas de descrever, mas de, aos poucos, inserir-se em uma possível compreensão daquilo que é dito pelo(s) autor(es) do(s) fragmento(s), por meio de um processo de abstração, conquistado pela interpretação (SOUSA, 2020).

“É importante entender a escrita como outro modo de pensamento, ferramenta do pensar que, ao mesmo tempo que procura comunicar algo, promove uma evolução dos modos de pensar de quem nela se envolve” (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 195). A análise de narrativas, a partir dos pressupostos da Análise Textual Discursiva, permite que o pesquisador se envolva de tal modo no discurso do outro, que essa leitura se transforma em algo de profundidade, o que acaba por modificar a si mesmo. E esse primeiro movimento [de *unitarização*], quando bem estruturado, torna-se essencial para os movimentos consequentes, que os autores caracterizam como o “estabelecimento de relações” (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 12).

Na Análise Textual Discursiva, as relações são estabelecidas a partir de categorizações (MORAES; GALIAZZI, 2007). Esse processo

[...] envolve construir relações entre as unidades de base, combinando-as e classificando-as. Reunindo esses elementos unitários na formação de conjuntos que congregam elementos próximos, resultando daí sistemas de categorias (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 12).

A categorização, segundo movimento, pode ser dividida em diferentes níveis, sendo eles: i) inicial, ii) intermediário e iii) final. Longe de ser um processo rígido, estático e mecânico, envolve cada vez mais o aprofundamento do leitor-analista com o autor-narrador, entendendo-se esse processo sempre como uma nova interpretação:

Apresenta-se ainda a ideia de que os múltiplos sentidos de toda leitura e toda análise textual estão vinculados ao ato de interpretar. Assim, o pesquisador precisa se assumir autor das interpretações construídas ao analisar os textos, construir novos sentidos e compreensões aprofundadas, indo além da descrição, e ampliar a compreensão dos fenômenos que se investiga e o campo teórico com que trabalha (SOUSA, 2020, p. 651).

Tal interpretação permite que o pesquisador vá para além da descrição simples e básica no momento da sua categorização, sendo também, na perspectiva hermenêutica, uma tradução, que “realizada pelo pesquisador é o meio pelo qual o fenômeno se mostra, não na individualidade do pesquisador, mas na tradução das vozes que dizem sobre o fenômeno interpretado e que são reconhecidas por quem interpreta” (SOUSA; GALIAZZI, 2016, p. 46). Esse processo ocorre pelo movimento de escrita e de autoria (CALIXTO, 2020) que é inerente à Análise Textual Discursiva:

Essa modalidade de análise, ao mesmo tempo que ajuda a organizar e estruturar os dados da pesquisa, também é importante no encaminhamento das produções escritas. É inseparável o movimento da análise do processo da escrita. Construir novas compreensões e expressá-las ocorre num mesmo movimento (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 177).

Dessa forma, o pesquisador se assume autor “daquilo que escreve, se assume efetivamente sujeito da sua pesquisa e movimenta-se no sentido de reconstruir suas próprias teorias e seus próprios conhecimentos” (BARTELMÉBS, 2020). Trata-se de compreender “os sentidos das palavras que estão em movimento” (GALIAZZI; SOUSA, 2019, p. 8). Esse movimento não tem só impacto sobre o processo de categorização voltado à geração de categorias emergentes. A depender das peculiaridades de cada caso, é possível que se tenham, no processo, categorias preestabelecidas (ou *a priori*), ou ainda a união de ambas as possibilidades, em um procedimento misto ou híbrido. No desenvolvimento dos procedimentos operacionais da Análise Textual Discursiva, não há rigidez estrutural. Os pesquisadores sempre estarão pautados por suas escolhas teóricas, por suas convicções frente ao *corpus* de análise e por suas necessidades frente aos contextos de pesquisa.

As categorias se estruturam a partir dessas unidades [de sentido], podendo formar-se diferentes tipos de categorias a partir da tipologia de unidades de base. Por sua vez, a ordem do processo, da unitarização para a categorização ou o inverso, depende de opções metodológicas e analíticas assumidas pelo pesquisador (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 76).

Por fim, o terceiro movimento da Análise Textual Discursiva é a *captação do novo emergente* (MORAES; GALIAZZI, 2007). É o momento no qual “a intensa impregnação nos materiais da análise desencadeada nos dois focos anteriores leva à emergência de uma compreensão renovada do todo” (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 12). Esse processo é explicitado na construção do metatexto que é um conjunto constituído por “descrição e interpretação” (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 32), representando um processo repleto de emergência e autoria.

É ainda um encadeamento textual de intensa impregnação nos enfoques teóricos, de campo e interpretativos do autor, e, também, de distanciamento crítico.

É, portanto, um esforço construtivo no intuito de ampliar a compreensão dos fenômenos investigados [...], a validação das compreensões atingidas ocorre por interlocuções teóricas e empíricas, representando uma estreita relação entre teoria e prática (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 37).

Pergunta II – “A partir do mesmo corpus de análise, diferentes pesquisadores obtêm os mesmos resultados e conclusões?”

A Análise Textual Discursiva, por ser um processo analítico interpretativo (hermenêutico) e dependente daquilo que o pesquisador leu, viveu e construiu (fenomenológico), possibilita uma multiplicidade de perspectivas sobre um mesmo fenômeno. “Os sentidos das palavras estão em movimento, e isso nos remete à importância de mantermos os significados e sentidos que atribuímos às palavras em uma fusão de horizontes mais do que na aposta de que é possível sua superação” (GALIAZZI; SOUSA, 2019, p. 8).

Assim, mesmo limitados pela fidelidade ao dito, no modo explícito da letra, nos discursos emanados pelos participantes das pesquisas, há o espaço de interpretação subjetiva do pesquisador, mediado pelo movimento de sua leitura, a partir de seus referenciais. Ao certo, um *corpus* de análise que verse sobre Astronomia não

poderá culminar em metatexto(s) que emanem compreensões sobre culinária. Porém, esse mesmo conjunto de narrativas, ao ser lido de modo profundo, fragmentado, (re)agrupado e (re)interpretado por dois ou mais pesquisadores, inclusive da mesma área do conhecimento, possivelmente terá sentidos e interpretações diferentes.

Em análises textuais, por estar a interpretação relacionada diretamente ao pesquisador, com suas nuances experienciais e crenças construídas no âmbito profissional e também de vida, não há garantia alguma de que o mesmo *corpus* de análise, tratado por diferentes pesquisadores, forneça resultados e conclusões iguais. Entra aqui o conceito de verossimilhança, importante para a pesquisa qualitativa, na medida em que permite avaliar se os resultados obtidos são coerentes, consistentes e representativos frente à realidade em estudo.

Verossimilhança é a medida pela qual a pesquisa, em desenvolvimento, é percebida como algo que, de fato, está a refletir, de modo preciso e fiel, para um determinado momento, a realidade da situação estudada (GUBA; LINCOLN, 1994). Isso é vital em pesquisas qualitativas, pois elas, em geral, visam compreender fenômenos complexos e subjetivos, e o conceito de verossimilhança é o balizador usado para avaliar a credibilidade e determinar a confiabilidade dos resultados obtidos. Além disso, os pesquisadores se valem da verossimilhança para validar a transferibilidade dos resultados para outros contextos e situações similares de análise. Em síntese, a verossimilhança é fundamental para atestar a qualidade, o rigor e a confiabilidade dos resultados de pesquisas qualitativas.

Desse modo, a resposta mais segura para a pergunta "A partir do mesmo *corpus* de análise, diferentes pesquisadores obtêm os mesmos resultados e conclusões?", dentro do contexto de análises textuais, e em especial aqui, da Análise Textual Discursiva, é: não se pode afirmar que SIM, a partir do mesmo *corpus*, diferentes pesquisadores obtêm os mesmos resultados e conclusões; tampouco se pode afirmar que, a partir do mesmo *corpus*, diferentes pesquisadores NÃO obtêm

os mesmos resultados e conclusões. A resposta depende de cada caso analítico. É possível que se tenham interpretações próximas se os fundamentos epistemológicos dos autores forem próximos. Mas também é possível que sejam distintos se suas teorias de base forem antagônicas, pois, no conjunto de sentidos presentes no texto, cada um deles identificará aqueles significados que dialogam mais fortemente com seus referenciais.

Diante dessa pergunta, pode-se retomar uma das metáforas utilizadas no texto base da Análise Textual Discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2007): Quando se realiza a Análise Textual Discursiva, montam-se quebra-cabeças ou se constroem mosaicos? A metáfora é uma maneira de exemplificar, de modo visual, um pouco do processo analítico que ocorre na Análise Textual Discursiva. Assim, é possível refletir:

i) *sobre o quebra-cabeças*: é uma metáfora, pois envolve a organização, a identificação e a tomada de decisão sobre diferentes partes para formar um todo coerente e condizente com a realidade. Assim como em um quebra-cabeça, na Análise Textual Discursiva (ATD), deve-se agir sobre as diferentes partes dos enunciados narrativos para entender as significações de modo completo, a fim de que as partes sejam encaixadas formando um conjunto no qual guardam coerência entre si;

ii) *sobre o mosaico*: é composto por pequenos fragmentos de vidro ou cerâmica, em que cada um deles possui forma, cor, significado e importância próprios, de modo a configurar uma individualidade intransferível dentro do conjunto. A construção de um mosaico envolve a seleção cuidadosa de cada peça e o exame rigoroso sobre a sua disposição, a fim de estabelecer um padrão ordenado e coerente. Assim como na construção de um mosaico, a Análise Textual Discursiva envolve a seleção cuidadosa de fragmentos textuais e a disposição desses de modo que gere compreensão sobre o significado do objeto em análise. Consideramos ser

essa a analogia que mais representa o método de Análise Textual Discursiva.

Sobre o questionamento em questão, convém considerar que, em análises qualitativas, não há expectativa de coincidência quando um mesmo *corpus* é trabalhado por diferentes pesquisadores, embora as grandes temáticas tendam a estar presentes nos textos por eles desenvolvidos.

Pergunta III – “Quais são os critérios de validação empregados na análise textual discursiva?”

Esse é um ponto importante para aqueles que estão no mundo da pesquisa qualitativa. Existem preconceitos e concepções alternativas a respeito de como é, de fato, conduzida uma pesquisa qualitativa e quais são os seus critérios de validação. A primeira impressão dos estudantes, em especial, iniciantes (*le.g.*, graduação ou até mesmo em fase inicial de mestrado) é a sensação de que os aspectos do fazer pesquisa qualitativa são mais simples e fáceis, em comparação à abordagem quantitativa, por assumir, de forma explícita, a existência da subjetividade no processo de produção de conhecimento.

A subjetividade é um aspecto inseparável da pesquisa qualitativa uma vez que trata da compreensão do mundo sob a perspectiva dos participantes da pesquisa (CRESWELL, 2007). “A subjetividade entra na pesquisa qualitativa através da perspectiva do investigador, dos participantes e das fontes de dados” (CRESWELL, 2007, p. 47), tendo tanto o pesquisador quanto os participantes identidades próprias diante das interpretações e perspectivas possíveis para a pesquisa.

Dessa perspectiva podem ocorrer influências subjetivas sobre resultados e conclusões acerca dos fenômenos em análise. Apesar disso, não há necessidade de entender a subjetividade como um problema, uma vez que é um aspecto inevitável da pesquisa, devendo ser assumida na análise dos dados (CRESWELL, 2007; DENZIN, 1989; LINCOLN; GUBA, 1985) e exigindo do pesquisador a busca incansável por compreender não só a subjetividade dos participantes do estudo, mas

também os limites de sua própria subjetividade.

No entanto, a preocupação com o rigor e a qualidade da pesquisa qualitativa não é mais apenas para demonstrar sua validade à comunidade externa, mas principalmente para elucidar aos pesquisadores qualitativos uma forma de “como avaliar o que estamos fazendo e como demonstrar a qualidade na pesquisa qualitativa de forma ativa e autoconfiante” (FLICK, 2009, p. 16). Existe um “conjunto heterogêneo de perspectivas, de métodos, de técnicas e de análises” (ANDRÉ, 2001, p. 54) que compõe o universo da pesquisa qualitativa. E, dessa forma, em cada método e em cada técnica de análise, há de se encontrar um padrão que lhe seja coerente.

Contudo, pode-se dizer que, na visão de pesquisadores qualitativos, na condição de formadores de pesquisadores que desenvolvem e aplicam a Análise Textual Discursiva, um dos principais critérios de rigor e qualidade para o método é a intensidade da imersão do sujeito nos dados de pesquisa. Essa impregnação contribui não só para a organização das etapas a serem seguidas [desconstrução e (re)construção textual], mas também para que o pesquisador elabore uma compreensão coerente e consistente do conjunto de dados disponível. Tem-se a compreensão de que “a validade e a confiabilidade dos resultados de uma análise são construídas ao longo do processo. O rigor com que cada etapa da análise é conduzida é uma garantia delas” (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 39).

Complementar à impregnação do pesquisador, destacam-se movimentos como a formulação de argumentos consistentes nos metatextos produzidos e a presença de excertos representativos das ideias apresentadas. Esse ponto vincula-se à realização na ancoragem empírica, com vistas a expressar singularidades do contexto da pesquisa. Vale lembrar que os argumentos apresentados precisam apresentar conexão forte com o problema e os objetivos da pesquisa e, também, dialogar com os contextos social, cultural e político, que influenciam o campo empírico estudado. A presença de excertos das narrativas dos participantes da pesquisa fortalece

a validade da pesquisa na medida em que possibilita ao leitor reconhecer a coerência entre as ideias defendidas pelo pesquisador e as ideias expressas pelos participantes.

Ainda, outro aspecto relevante de validação na Análise Textual Discursiva é a apresentação do sistema de geração das categorias de análise, em suas fases inicial, intermediária e final. Esse critério permite o acompanhamento da construção categorial e fortalece o constructo de análise, denotando rigor técnico ao explicitar coesão entre as partes na organização do todo.

Com vistas a uma síntese reflexiva dos critérios de validação do método da Análise Textual Discursiva, considera-se salientar cinco pontos estruturantes globais (LINCOLN; GUBA, 1985), os quais podem estar ou não entrelaçados:

i) *Credibilidade*: refere-se à confiabilidade dos resultados apresentados, frutos da análise. Considera-se que pode ser alcançada por meio de técnicas de triangulação, nas quais diferentes e robustas fontes de dados são comparadas com atenção, com fins de confirmação e verificação sobre a consistência dos resultados e das conclusões do objeto de estudos;

ii) *Consistência interna*: cujo cerne é referente à capacidade da análise em capturar com precisão, profundidade e densidade o significado em essência dos dados. Acredita-se que pode ser ascendida por meio do escrutínio denso e lapidado dos conceitos teóricos norteadores literários em conjunto com a elevação dos significados presentes nas entranhas daquilo que é dito e não dito;

iii) *Consistência externa*: neste critério, o ponto nevrálgico está na capacidade da análise de ofertar possibilidades de servir para outros contextos. A extrapolação situacional e contextual precisa ser uma orientação para o pesquisador, o qual busca tecer teorização de modo a ser norteador para contextos mais amplos de aplicação dos dados;

iv) *Auditoria*: este critério conecta-se com a necessidade de se fazer entender

pelo outro, o qual é distante da pesquisa em si. Vincula-se à clareza, à coerência e à estabilidade técnica dos resultados, a curto e longo prazo. Ofertar a possibilidade de auditoria, e até mesmo certa replicação daquilo que foi alcançado, proporciona segurança, rigor e qualidade ao processo como um todo;

v) *Representatividade*: aqui, o ponto fulcral refere-se à capacidade dos dados apresentados de ser fiel e representar a população que está em atenção no estudo. O que é alcançado com a impregnação nos discursos dos participantes aliada à aproximação das narrativas com pontos teóricos e constância de evocação nos metatextos construídos.

Pergunta IV – “O que são argumentos aglutinadores na análise textual discursiva?”

Argumento aglutinador é uma asserção geral que estrutura ideias relativas às novas compreensões advindas da análise realizada. Essa afirmativa não é prévia ao desenvolvimento do estudo, mas vai sendo construída ao longo da pesquisa e pode ser chamada de argumento geral, hipótese de trabalho, tese ou ainda argumento aglutinador geral. O argumento aglutinador geral é o ponto de vista desenvolvido pelo pesquisador sobre o fenômeno estudado. Essa linha de raciocínio é sustentada por argumentos originários de reflexões efetuadas em cada uma das categorias emergentes.

A elaboração de um consistente argumento aglutinador geral conduz o pesquisador a se preocupar em produzir, de forma clara, o argumento principal de cada uma das categorias finais, sejam emergentes ou prévias, denominado de *argumento parcial*. Em cada categoria final, a afirmativa que constitui o *argumento parcial* é seguida pela exposição sistematizada de razões que demonstram a linha de pensamento do pesquisador para efetuar tal afirmação. Ainda, como os argumentos aglutinadores parciais, que representam partes do fenômeno estudado, vão compor o argumento aglutinador geral, há ne-

cessidade de complementariedade e coerência entre essas afirmativas parciais referentes a cada uma das categorias. Nessa perspectiva, é importante que seja dada visibilidade ao argumento parcial no texto desenvolvido em cada uma das categorias finais.

Apresentado no início do texto analítico, denominado de metatexto na Análise Textual Discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2007), o argumento aglutinador geral dialoga com os objetivos da investigação e responde à questão de pesquisa formulada ao início do estudo. Mas a resposta dada não tem estatuto de verdade única, tampouco definitiva. Em coerência com os princípios da pesquisa qualitativa de credibilidade e confiabilidade, ao final do estudo, o pesquisador propõe uma resposta plausível, verossímil, isto é, uma resposta coerente com o contexto empírico investigado e com os dados construídos. Logo, o argumento aglutinador geral caracteriza-se por ser a melhor resposta concebida por aquele pesquisador, naquele momento.

Na tentativa de gerar uma imagem ilustrativa para o que se entende até aqui sobre esse ponto, cria-se a seguinte analogia⁵ entre o metatexto, produzido no processo de análise, e os argumentos aglutinadores: uma rede de pesca. Nessa rede, os nós representam os argumentos aglutinadores, e os fios representam o extenso conjunto de argumentos secundários que sustentam essas afirmações. Tal arcabouço construído no processo analítico configura a teoria produzida durante o estudo que, ao apresentar novas compreensões sobre o fenômeno estudado, promove avanços em relação a teorias existentes.

Também merece destaque o fato de que a rede tecida no movimento da Análise Textual Discursiva possibilita que o pesquisador se afaste dos acontecimentos concretos do campo empírico e apresente, ao final, algumas considerações mais gerais. Essas, engendradas na análise em profundidade realizada pelo autor, poderão ser transferidas e experimentadas em outros contextos se outros atores sociais assim o desejarem.

O conjunto de encaminhamentos mencionado vincula-se, de maneira ampla, à ideia de um texto autoral, com a carga interpretativa que o pesquisador deposita sobre os dados da pesquisa desenvolvida e em conformidade com o momento histórico. Assim, "a qualidade dos textos resultantes das análises não depende apenas de sua validade e confiabilidade, mas é, também, consequência do fato de o pesquisador assumir-se autor de seus argumentos" (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 32).

Pergunta V – “O que significa ‘processo auto-organizado’ na análise textual discursiva?”

A impregnação do pesquisador no material empírico e nos discursos sociais é essencial para a emergência de novos significados sobre o fenômeno estudado. “A impregnação dos dados é uma fase importante para os pesquisadores qualitativos porque lhes permite familiarizar-se com os dados antes de iniciar a análise formal” (CRESWELL, 2007, p. 136). Durante essa fase, o pesquisador pode (re)ler os dados, fazer anotações, identificar temas que se sobressaem e esboçar até mesmo agrupamentos preliminares, se for o caso, numa espécie de apropriação daquilo que está nas entrelinhas, e começar a desenvolver uma compreensão, repleta de *insights* sobre o assunto em questão (MORAES; GALIAZZI, 2007).

A unitarização, que é a discriminação das ideias pertencentes ao *corpus* analítico [e.g., entrevistas, observações etc.], possibilita a emergência de uma outra ordem de relação entre tais ideias, que vai se expressar na categorização. O envolvimento do pesquisador com o material empírico é condição essencial para esse movimento de análise e síntese. Ainda, a oportunidade para o surgimento de novas compreensões está vinculada a elementos do contexto social no qual o fenômeno ocorre e, também, ao repertório teórico e às visões de mundo experienciadas e assumidas pelo pesquisador.

⁵ O livro-base da Análise Textual Discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2007) é repleto de analogias. Logo, faz-se aqui também uso de tal estratégia.

É o trabalho intelectual do pesquisador imerso neste caldo cultural que favorece o surgimento de novas compreensões num processo que é reconhecido pelos autores da Análise Textual Discursiva como auto-organizado (MORAES; GALIAZZI, 2007). A auto-organização das ideias se institui na revisita constante aos três componentes constituintes da Análise Textual Discursiva: i) unitarização; ii) categorização; e iii) divulgação de entendimentos emergentes.

O percorrer recursivo do ciclo de Análise Textual Discursiva exige uma espécie de vigilância epistemológica, a qual é considerada um processo de reflexão crítica e contínua sobre as escolhas teóricas, metodológicas e técnicas, que permeiam o ato de pesquisar. Busca-se garantir que os pressupostos subjacentes à análise sejam identificados, acompanhados e questionados, de modo claro: "A vigilância epistemológica é importante porque ela permite que o pesquisador esteja ciente de seus pressupostos, evitando a cegueira teórica, e, também, ajuda a garantir a qualidade ética da pesquisa" (CRESWELL, 2007, p. 89).

O ciclo da Análise Textual Discursiva é composto por elementos racionalizados e, assim, é planejado levando em conta regras metodológicas, mas é também um método flexível, permitindo afirmar que, em seu todo, pode ser compreendido como um processo auto-organizado do qual emergem novas compreensões (MORAES; GALIAZZI, 2007). Os resultados finais, criativos e originais não podem ser previstos, inclusive nem o poderiam ser, devido à característica hermenêutica de base do método. Assim, pode ser considerado que o processo auto-organizado está relacionado com a presença das ideias dos participantes, com os referenciais de base conceitual e com os conhecimentos tácitos do pesquisador que se autorregulam no desenvolvimento de uma pesquisa realizada com vigilância sistêmica global.

As ideias disponíveis no *corpus* carregam inúmeras possibilidades de combinações entre si e o pesquisador, que, ao reorganizar seu conhecimento sobre o objeto de estudo, vai

vislumbrando e delineando essas novas associações. As percepções sobre os acontecimentos de campo dão origem às unidades de sentido [ideias], e estabelecê-las é um movimento pleno de incertezas, que leva o pesquisador a escolhas constantes. É ao realinhar ideias e entrecruzar conceitos, num processo [auto-]organizativo, que o investigador encontra novas perspectivas, cria definições próprias e acrescenta novos nexos ao fenômeno investigado. Nesse movimento, o pesquisador move-se de modo gradual para a elaboração de um original sistema categorial, o qual expressa as [novas] compreensões sobre o fenômeno estudado. Tais perspectivas originais e renovadas são apresentadas no metatexto elaborado pelo pesquisador.

Conforme os autores da ATD,

[...] auto-organização e emergência são processos intuitivos, inconscientes, não diretamente comandados pelos sujeitos, e cujos resultados não são previsíveis. São eles, todavia, que possibilitam os resultados mais significativos e criativos de uma análise textual (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 134).

Considerações finais

A intenção, neste ensaio, foi prolongar a discussão, iniciada no I Congresso Internacional de Educação em Ciências e Matemática e II Simpósio do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da PUCRS, sobre as principais perguntas dos estudantes acerca do método da Análise Textual Discursiva. Nele, defendemos o seguinte argumento: *perguntas habituais de estudantes de diferentes níveis formativos, realizadas nas aulas, desencadeiam um movimento coletivo de estudo, dialógico e reflexivo, frente ao método da Análise Textual Discursiva, podendo conduzir à compreensão cada vez mais profunda do processo analítico em questão*. Logo, considera-se que:

i) o presente texto estruturou-se com base em cinco recorrentes questionamentos de acadêmicos sobre o método de Análise Textual Discursiva. A escolha desse fio condutor para organizar o

ensaio deve-se à convicção de que, ao lidarem com suas dúvidas em diálogo com o professor/pesquisador, os estudantes motivam-se e envolvem-se no processo de aprendizagem, e, a partir disso, ampliam as possibilidades para a construção de conhecimentos;

ii) perguntas dessa natureza, embora costumeiras em aulas e em grupos de pesquisa, estão menos presentes nas discussões difundidas em periódicos. Nesses, predominam artigos com resultados de pesquisas, que se valem da Análise Textual Discursiva como método analítico, e registros de estudos teóricos com a intenção de ampliar a compreensão sobre fundamentos basilares da Análise Textual Discursiva;

iii) as respostas aqui geradas são reflexões sintéticas, sabendo-se que são respostas parciais e provisórias. O fato de as questões aqui apresentadas elucidarem parcialmente dúvidas sobre o método da Análise Textual Discursiva, além de mostrarem a complexidade do processo de aprender, evidenciam que a aprendizagem não se faz de forma imediata, mas necessita de várias aproximações ao fenômeno estudado por meio da reflexão, do diálogo e do uso do método em diversos níveis de perspectivas.

A estratégia de escrita do texto deixa em aberto outras questões na expectativa de que a continuidade dos estudos potencialize novas compreensões e, por conseguinte, novas dúvidas acerca da Análise Textual Discursiva. Com vistas a trabalhos futuros, esperamos próximas oportunidades para desencadear respostas reflexivas sobre o método da Análise Textual Discursiva a partir de questionamentos dos acadêmicos.

Por fim, dedicamos este texto ao Professor Maurivan Güntzel Ramos que partiu deste mundo no final do ano de 2022. Colega, professor e amigo, Maurivan conhecia em profundidade a Análise Textual Discursiva e, não fossem as determinações da vida, estaria ele assinando conosco este artigo, pois era nosso parceiro constante em pesquisas e demais produções. Além das

saudades, Maurivan nos deixa extenso legado, principalmente, sobre métodos de pesquisa, formação de professores, questionamento dos estudantes e avaliação da aprendizagem. Foram muitas as temáticas por ele estudadas, talvez pela convicção de que “pensar é viver e sentir não é mais do que o alimento de pensar”, como disse Fernando Pessoa, seu poeta preferido.

Aradecimentos

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (Processo 402510/2021-6) e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) (Processo 21/2551-0002216-7).

Referências

- ANDRÉ, M. Pesquisa em Educação: buscando rigor e qualidade. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 113, p. 51-64, 2001. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/599>. Acesso em: 15 dez. 2023.
- BARTELMÉBS, R. C. Mas o que eu sei? O movimento da aprendizagem da escrita acadêmica a partir da análise textual discursiva. *Revista Pesquisa Qualitativa, Is. I*, v. 8, n. 19, p. 1010-1020, 2020. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/356>. Acesso em: 15 dez. 2023.
- BRESOLIN, K. Por que perguntar? In: NODARI, P. C. *Por quê? A arte de perguntar*. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 9-25.
- CALIXTO, V. S. Reflexões acerca do desenvolvimento da autoria no exercício de escrita envolvido na análise textual discursiva: um horizonte compreensivo. *Revista Pesquisa Qualitativa, Is. I*, v. 8, n. 19, p. 835-862, 2020. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/353>. Acesso em: 15 dez. 2023.
- CRESWELL, J. W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e mistos*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- DENZIN, N. K. *The Research Act: A Theoretical Introduction to Sociological Methods*. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1989.
- FLICK, U. *Qualidade na pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GALIAZZI, M. C.; SOUSA, R. S. A dialética na categorização da análise textual discursiva: o movimento recursivo entre palavra e conceito. *Revista Pesquisa Qualitativa, Is. I*, v. 7, n. 13, p. 1-22, 2019. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/227>. Acesso em: 15 dez. 2023.

GALLE, L. A. V.; PAULETTI, F.; RAMOS, M. G. Pesquisa em sala de aula: os interesses dos estudantes manifestados por meio de perguntas sobre a queima da vela. *Acta Scientiae*, Canoas, v. 18, n. 2, p. 498-516, 2016. Disponível em: https://meriva.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/12088/2/Pesquisa_em_Sala_de_Aula_os_interesses_dos_estudantes_manifestados_por_meio_de_perguntas_sobre_a_queima_da_vela.pdf. Acesso em: 15 dez. 2023.

GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. S. Competing paradigms in qualitative research. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks: Sage Publications, 1994. p. 105-117.

LINCOLN, Y. S.; GUBA, E. G. *Naturalistic Inquiry*. Thousand Oaks: Sage Publications, 1985.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. *Análise Textual Discursiva*. Ijuí: UNIJUI, 2007.

NODARI, P. C. *Por quê? A arte de perguntar*. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOUSA, R. S. O texto na análise textual discursiva: uma leitura hermenêutica da "tempestade de luz". *Revista Pesquisa Qualitativa, [s. l.]*, v. 8, n. 19, p. 641-660, 2020. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/363>. Acesso em: 15 dez. 2023.

SOUSA, R.S.; GALIAZZI, M. do C. Compreensões Acerca da Hermenêutica na Análise Textual Discursiva: Marcas Teórico-Metodológicas à Investigação. *Contexto & Educação, [s. l.]*, v. 31, n. 100, p. 33-55, abr. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/6395>. Acesso em: 15 dez. 2023.

Valderez Marina do Rosário Lima

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

Marcelo Amaral-Rosa

Doutor em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor visitante na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil.

Roberta Chiesa Bartelmebs

Doutora em Educação em Ciências pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora na Universidade Federal do Paraná (UFPR), Palotina, PR, Brasil.

Endereço para correspondência:

VALDEREZ MARINA DO ROSÁRIO LIMA

Rua Dr. Florêncio Ygartua, 481

Rio Branco, 90430-010

Porto Alegre, RS, Brasil

MARCELO AMARAL-ROSA

Rua Caxias, 222, ap. 304

Centro, 93260-050

Esteio, RS, Brasil

ROBERTA CHIESA BARTELMBS

Rua Pioneiro, 2153

Dallas, 85950-000

Palotina, PR, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.